

MILHA 12

M
12
GAZETA

Número 4
Maio/Junho de 2024

GAZETA COOLTURAL DE GENTE LIVRE

"Longe do ponto de partida e ainda mais longe do ponto de chegada."

Ilustração PM



AB INITIO

Diretório coletivo

O MILHA12 VAI DE FÉRIAS

1, 2, 3 e... 4!

O leitor tem nas mãos o número 4 do MILHA 12. É um exemplar híbrido. Um número, digamos, primavera/verão. Nós explicamos. A periodicidade regular do MILHA 12 é trimestral. Se o número 2 saiu em março, o número seguinte deveria sair em junho (o número 3 que saiu em abril foi um número especial para comemorar os 50 anos do 25 de Abril e não conta para estas contas!). Mas, por razões que têm a ver com a facilidade de distribuição, este número sai no fim de maio. Não cumpre, assim, a periodicidade prevista. Mas também não deve vir daí grande mal ao mundo.

Traz um amigo também!

Este é, assim, o número 4. Quatro números já publicados, para um projeto não comercial, totalmente amador, não está mal. O número de colaboradores tem aumentado e tem-se garantido a diversidade dos temas e dos pontos de vista publicados. Temo-nos mantido, assim, fiéis aos princípios traçados. Precisamos continuar a expandir o número de colaboradores. Na realidade, a diversidade é um importante ativo do MILHA 12. Se cada colaborador trazer outro colaborador garantimos a novidade e a frescura da nossa gazeta "cooltural". O apelo fica!

Espalhar o Verbo, é preciso!

O modelo de distribuição, através da venda pelos colaboradores, pelos leitores e pelos amigos do MILHA 12 tem problemas evidentes, podendo correr-se o risco de ficarmos com bastantes exemplares na prateleira... É necessário que os colaboradores e os leitores tomem a seu cargo a distribuição do MILHA 12 comprando, cada um, alguns exemplares para vender, oferecer, etc. ajudando assim a minimizar os desequilíbrios financeiros que resultam do facto de o preço do jornal ser apenas 1 euro e que gostaríamos de manter. Fica mais um apelo!

Aos banhos!

O MILHA 12 volta em setembro. Até lá, boas férias para todos!



Ilustração PM



Da luta reza a história

Em 1886, durante uma greve geral nos Estados Unidos, ocorreu a primeira grande concentração nas ruas de Chicago, com meio milhão de manifestantes. Três anos depois, em França, o Congresso Operário Internacional estabeleceu uma manifestação anual em homenagem às lutas sindicais de Chicago, que resultaram em confrontos policiais e 10 mortes. Estes eventos marcaram a história da luta pelos direitos dos trabalhadores, transformando o 1.º de maio no Dia do Trabalhador.

Em 23 de abril de 1919, o Senado francês ratificou a jornada de oito horas e proclamou o dia 1.º de maio como feriado. No calendário litúrgico, celebra-se a memória de São José Operário, padroeiro dos trabalhadores.

Em Portugal, os trabalhadores celebraram o 1.º de maio já em 1890, limitando-se a piqueniques de confraternização, discursos e romagens aos cemitérios em homenagem aos operários e ativistas. Durante a Primeira República, o sindicalismo português tornou-se mais reivindicativo e consolidado.

O 1.º de maio ganhou características de ação de massas após lutas sindicais marcantes em Portugal, como a conquista da jornada de oito horas em 1919 para os trabalhadores do comércio e indústria.

As manifestações de 1962, durante a guerra colonial em Angola, foram particularmente significativas, reunindo milhares de pessoas em Lisboa, Porto e Setúbal, desafiando proibições e repressão.

As revoltas dos assalariados agrícolas do Alentejo, também impulsionadas pelo 1.º de maio de 1962, foram marcantes na história do operariado português, resultando na jornada de oito horas de trabalho diário.

Em 1974, ocorreu a mais extraordinária manifestação popular do Dia do Trabalhador em Portugal.

Paulo Monteiro

Todo o Mundo num pedacinho de papel

António Matias

- Maria, Maria! Chegou uma carta do pai!
Apesar de falar com o pai, com frequência, pelo telefone e em videochamada pela internet, à Maria e à mãe sabia-lhes sempre bem receber aquelas cartas.

O pai trabalhava em França há anos, mas mantinha o hábito de escrever cartas.

Para a Maria, à emoção de receber a carta, juntava-se um prazer suplementar: o alvoroço de receber um novo selo.

Desta vez, no sobrescrito, havia uma linda estampilha com um retrato de Charles De Gaulle. Ela não sabia quem era De Gaulle. Mas ficou a saber!

E, assim, ia aprendendo coisas sobre a França. Por exemplo: um selo sobre o Arco do Triunfo, outro com as vinhas de Champagne e outro, ainda, sobre Madame Curie.

Depois, passou a escrever cartas a um primo que trabalhava na Suíça, a um tio que vivia no Canadá e a outras pessoas que foi conhecendo. O gosto pelos selos levou-a a fazer amigos noutras partes do Mundo para quem enviava e recebia selos de correio que começou a colecionar. Era uma filatelista!

E, com os selos, aprendeu sobre vários temas: Ciência, Arte, História, Profissões, Gastronomia, Geografia, etc.

Na escola, os amigos admiravam-se:

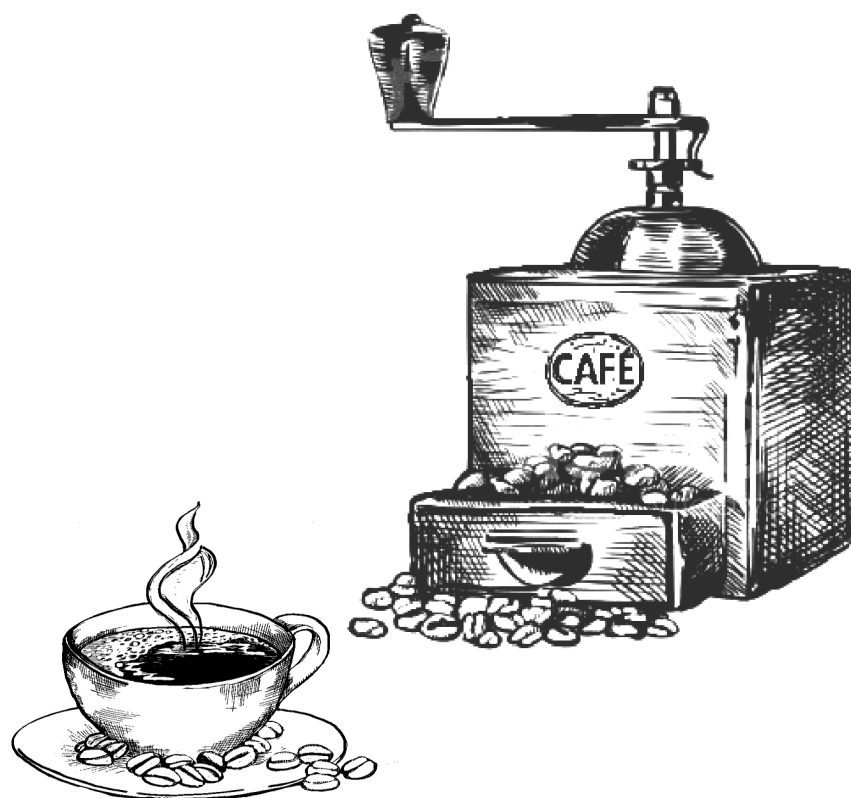
- Maria, como sabes tantas coisas?...

E ela:

- Até já quase dei uma volta ao Mundo!

- Como, se nunca saíste daqui?

- Pois não! Mas o meu álbum de selos... Cultivar a Filatelia é abrir uma janela para o Mundo. O selo transporta a alma de um povo, a sua capacidade criativa e o seu génio!



DOS CHEIROS

Quando chovia, todo o mundo ia ver derrapar os carros. Os que mais dançavam eram os mais cautelosos, os que mais devagar se faziam à ladeira. Ziguezagueavam no paralelo besuntado e, à boca do armazém, quase a vencer o íngreme percurso, navegavam sem norte. Um suplício. Um longo suplício de carros desgovernados a lamberem a estrada, berma a berma. Até se deixarem escorrer para baixo. Vencidos. O povo ria. E a humilhação durava horas. Durava, enfim, o tempo que cada espectador pudesse, que a saga prosseguia quando, por força de afazeres, entre a assistência alguém desarvorava. A cheirar a azeite.

Terra, para ele a terra é também memória. Esta memória. Memória de este e de outros odores, impregnados na carne. Rasto de vinho tinto e bagaço, na loja do Marcelino, no quelho. Aceno de eucalipto e mimosas na Escola Livre, quando os professores faltavam e a malta ia para ali jogar a bola. O cheiro a chuva, a chão molhado, a pão, a campos lavrados. A Primavera. Aroma de flor de laranjeira, de tília, na avenida, no jardim. Um remoto fumo acre vindo da casa do ferrador, o velho Pote, ferraduras em brasa a saltarem do lume, a afundarem-se, vigorosas, precisas, na pata dos bois, dos garranos.

Terra, a sua terra, perfume de soalho lavado. Com sabão amarelo. Leite mungido, jacto fino, sonoro, apontado ao canado. Um sinal de café moído na loja do Cipriano Martins. Presença de castanha assada na esquina do Pintor, Casa D. Hóspedes, anunciada assim na parede. Zamacóis. Brisa de vitela assada no Pechão. Padas de UI, inchadas padas de UI com fiambre, aprontadas pelo senhor Augusto, no Flecha.

Terra, a sua terra, cheiro velho a procissão. Pés penitentes a pisarem os verdes sobre a estrada, mulheres de mantilha preta, homens submissos, anjinhos imaculados, levados todos na cadência da banda, das orações, das velas tremeluzentes a agigantar a noite, as sombras, os medos.

Terra, a sua terra, longínqua respiração. O hálito quente e bom do avô, do seu velho avô, no Inverno a bafejar-lhe o peito. A trespassar-lhe a roupa. A trespassar-lhe o tempo.

Augusto Baptista

O QUE DIZ UMA IMAGEM

Rui Graça Feijó

Há 50 anos, o “ponto mais alto de Portugal era o Monte Ramelau em...Timor. Uma “colónia sem colonos” – viviam lá (sem contar militares em curtas estadias) 300 europeus. Num território com 15 mil km² e 650 mil almas, os colonos cabiam numa aldeia ou pequena rua urbana. Depois da Guerra de Manufahi e da ocupação japonesa, a vida corria pachorrenta. Uma revolta protonacionalista em 1959 fora esmagada e não se ouviam os seus ecos.

Apenas um ou outro jovem – como José Ramos-Horta – alimentavam sonhos de autodeterminação. Os relatórios da PIDE transmitiam notícias de uma terra sem problemas. A 25 de Abril de 1974 tudo começa a mudar: Portugal concede o direito à autodeterminação. Os seus territórios na Ásia (Macau e Timor) eram pequenos e cercados de vizinhos gigantescos com ambições territoriais. O nacionalismo na Ásia não assumia apenas a face da independência, mas admitia soluções como a integração. Quando as “associações políticas” em Timor foram permitidas, logo surgiram três com ideais e estratégias diversas: associação a um novo Portugal Federal (UDT), integração na Indonésia (APODETI) e independência (ASDT, que se viria a transformar em FRETILIN).

A descolonização do Timor Português correu mal. As rivalidades entre grupos locais eram intensas.

A Igreja Católica – um dos pilares do regime colonial – passou a acrescentar à sua missão de “conversão dos pagãos”, uma luta contra os “radicais marxistas”. A FRETILIN associava a crítica à exploração colonial e seus agentes a uma condenação do “atraso” do território pelo qual responsabilizava “o feudalismo” que alimentava as “superstições” e se exibia nos *liurais* (chefes locais) e rituais de índole tradicional. Era uma guerra aberta de todos contra todos. Em dezembro de 1975 a Indonésia invadiu o Timor Português.

A invasão indonésia provocou um realinhamento de todos os atores, e a Resistência Timorense construiu-se num triângulo virtuoso em que se articulava a Frente Armada, a Frente Clandestina e a Frente Diplomática no exílio. A isto juntava-se a Igreja Católica que passou a hostilizar o novo poder.

Alguns anos depois da independência, deparei no “cemitério” de Valu (Tutuala, província de Lautém, Ponta Leste do país) com a campa de um cidadão que ostenta a bandeira da FRETILIN, a Cruz do cristianismo, e a cabeça de búfalo das práticas rituais animistas. Certamente que o seu funeral foi acompanhado por discursos políticos, de um sacerdote católico, de um *lia na’in* indígena e de uma cerimónia que reuniu as suas redes tradicionais de pertença.

O que antes da invasão indonésia era inimaginável passou a ser uma “nova normalidade”: a coabitação, e já não a competição ou a luta contra o “outro” com vista a substituí-lo ou eliminá-lo, parece ter-se instalado.

Esta é uma demonstração do sentido profundo da Democracia.





Pormenor : A Parábola dos Cegos.
Pintura do artista do Renascimento flamengo Pieter Bruegel, o Velho, 1568.

A cegueira

Rui Conde Pinho

A cegueira foi desde sempre usada como metáfora para mostrar o tempo presente à época.

O Poder está nas mãos dos que enganam, mas há também poder dos que são enganados. Os que enganam sabem-no, e aproveitam para impor a farsa; os que se deixam enganar justificam-se com a sua cegueira. A diferença é visível, para quem queira ver.

Vivemos a pós-verdade, em que **é preciso cultivar a capacidade de ver**. A visão torna-se um privilégio quando se tenta enxergar a verdade e lutar por ela.

Qual verdade? **A que liberta!**

George Orwell, autor de “O Triunfo dos Porcos” observou que numa época em que as mentiras se tornaram comuns, optar pela verdade é um ato de coragem. Segundo ele, “toda propaganda de guerra, toda a gritaria, mentiras e ódio, vêm de pessoas que não estão na luta”. Cultivar a visão e ampliá-la é uma arte.

O ato de ver precisa ser aprendido, estudado.

Jesus, referindo-se à condução religiosa e política, opôs-se ao sistema cruel das autoridades da época que lucrava com a alienação do povo. Cegueira é metáfora usada para a alienação: “porventura pode um cego guiar outro cego? Não cairão ambos no buraco?” (Lc 6,39). Santo Agostinho interpretava esta passagem observando os cegos se vangloriando da própria cegueira. Estes são o manjar para os que distorcem a verdade e se colocam acima do bem e do mal.

Em Rei Lear, Shakespeare escreveu: “Infeliz a época em que os cegos se deixam guiar pelos idiotas”. Havia um guerreiro, temido por sua crueldade, onde passava deixava marcas de destruição e pavor. Um dia o seu exército invadiu uma aldeia, deixando-a totalmente devastada. No meio das cinzas foi encontrado um velho que se recusara a fugir e ao qual foi permitido expressar o seu último desejo. Ele seria decapitado. O pedido do ancião deixou louco o violento comandante, pois o guerreiro devia cortar um galho de árvore e depois reintegrá-lo à mesma árvore. Vendo que não podia satisfazer tal desejo, disse o general: “seu velho idiota, não sabe que isso é impossível?” O distinto ancião respondeu: “idiota é quem crê que o poder de destruir, matar as pessoas é mais sublime do que a capacidade de unir e devolver a vida”.

Bruegel (sec.XVI) na sua extraordinária pintura “cego guiando cegos” ou “a parábola dos cegos” retratou este facto. Os homens mantêm a cabeça erguida para aproveitar melhor os outros sentidos. A composição diagonal reforça o movimento desequilibrado das seis figuras caindo em progressão. É considerada uma obra-prima por seus detalhes e composição precisos.

Por último e nunca será o último: há os que enganam, os que se deixam enganar e os que resistem à enganação e teimam em ver a verdade e viver por ela.

Há cegos guiando cegos, há loucos guiando cegos e há os que lutam contra a cegueira mental e espiritual.

José Saramago no “**Ensaio sobre a cegueira**” observara que a cegueira não diz respeito à condição física, mas mental, pois impede de ver a realidade à nossa frente.

a minissaia

De minissaia fica linda!
Que pernas longas, tão esguias!
Fique mais um pouco, ainda,
as noites não estão frias.

Porque não saímos, paixão?
Veste algo que dê conforto,
a minissaia talvez não...
São os outros, eu não me importo.

Mulher, que ideia peregrina!
De minissaia na rua?!!!
Já és mãe, não és menina,
parece até que vais nua.

Onde pensas que vais de minissaia?
Ridícula, patética, tolinha.
Acabou-se esta gandaia,
vestes isso e saís sozinha.

Vou queimar-te a minissaia,
tiro-ta nem que seja à bruta.
Queres parecer da mesma laia,
sua galdéria, sua puta?

Isabel Costa



SOSSEGO ACABADO

Foi no tempo em que ainda havia férias grandes. Naquele ano foram ambulantes. Começaram pelas bandas de Troia e foram descendo por ali abaixo: Sines, Santo André. No vagar de monta/desmonta a tenda. Descobrir onde se assa bom peixe. Sem pressas. “Alentejo” ainda não rimava com “turismo”. Ainda não havia reclamos em inglês. Nem ementas em três idiomas. Aliás, muitas vezes, não havia quaisquer ementas. O dono do restaurante acercava-se da mesa e dizia o que havia para cozinhar.

Bom, lá fomos descendo a costa. Sempre rumo ao sul. Chegámos a uma pequena povoação de pescadores que, por aquela altura de agosto, tinha as suas festas populares. O sítio era bonito, calmo. Casas brancas com pátio interior. Pracetas com bancos à sombra de árvores. Costa recortada, pequenas praias. Uma ilha à vista da praia. Parecia que se poderia lá chegar a pé na maré-baixa. Não podia!

Sempre gostei de andar por lugares pouco explorados. Em contramão dos grandes movimentos de massas. O sítio cumpria o requisito. Pareceu-nos bem ficar por ali.

Parque de campismo? Não há! Hotel? Não há! Pensão? Não há! Quartos em casa particular não era uma opção muito agradável. Éramos duas famílias, com três crianças. Seria difícil compatibilizar a coabitação com uma família estranha.

E casas para alugar? Parece que sim. A casa do Dr. Antoninho, médico em Lisboa, que ele usava, apenas, para passar férias, estava vaga. Este ano não vinha e a Toina, que tomava conta da casa, tinha ordens para a alugar. Procurou-se pela Toina e acertou-se o preço para uma semana.

Efetivamente, foi uma semana de verdadeiras férias. A terra era muito calma. O peixe (esperava-se que os barcos voltassem do mar, ao fim da tarde) sempre fresco e saboroso. Não havia fila no minimercado. Nem nos pequenos restaurantes e tascos onde comíamos.

Exploravam-se as pequenas enseadas com praias minúsculas de águas serenas. Com a ondulação q.b. para se diferenciarem de uma banheira.

Numa delas havia uma pequena comunidade de nudistas, à qual aderimos. Era uma sensação nova e agradável ir tomar banho no mar completamente nu. E ficar ao sol a assoalhar o corpo todo.

Um dia houve uma surtida aos nudistas por parte da GNR. Dado o alarme, houve grande alvoroço: corrida aos calções, biquínis e toalhas para o pessoal se apresentar “composto” perante a autoridade. É que, pelos vistos, andar nu era crime. A prova era feita através da apresentação do “criminoso” no estado em que fosse apanhado em flagrante delito. Ser conduzido a um juiz (ou a uma juíza) no estado em que um cristão (ou um pagão!) veio ao mundo não é, de modo nenhum, um programa aliciante.

Tirando este momento mais radical, que apimentou a estadia, as férias foram, efetivamente... férias, lá no distante ano de 1985!

No ano seguinte, foi lançado o álbum “Rui Veloso” e, a partir de então, “aqui, neste lugar de Porto Covo”, as férias nunca mais foram as mesmas!

José Brandão de Sousa

Lá longe, o 25 DE ABRIL, em Angola

Fernando Oliveira *

Desde há muito que a mais correcta interpretação histórica estabelece um estreito laço e uma causalidade recíproca entre o fim da ditadura fascista em Portugal e a libertação das colónias do império «*do Minho a Timor*», bem como o mútuo condicionamento dos seus agentes e actores, o povo português e os povos das colónias até então travestidas de «províncias ultramarinas». Há que recordar que, em Luanda, na primeira manifestação pública depois do 25 de Abril, a 3 de Maio, num recinto desportivo, pequeno para albergar umas cinco mil pessoas exultantes de alegria, a surpresa e curiosidade emudeceu toda a gente, quando o orador, um conhecido democratas branco, leu, omitindo o autor,

que se estivesse perante um golpe da extrema-direita militar, encabeçado por Kaúlza de Arriaga e outros quejandos generais. Note-se que, embora a censura tenha sido abolida em 29 de Abril – o principal jornal de então, a “Província de Angola” saiu nesse dia anunciando na 1ª página que não fora submetido ao habitual «*exame prévio*», já a PIDE-DGS não foi de imediato desmantelada, como ocorreu em Portugal, mantendo-se anda por um largo tempo, embora travestida de «polícia de informação militar».

Aliás, é significativo que o principal chefe da PIDE na colónia, o sicário São José Lopes, na altura ausente de Angola, tenha regressado tranquilamente a Luanda, em 1

maioria por intelectuais e gente de etnia branca, há muito radicados em Angola, se arriscava a preconizar, ainda que não abertamente, a independência de maioria negra, apoiando os movimentos de libertação nacional, sobretudo o MPLA, mas também a UNITA e a FNLA. De facto, só em 27 de Julho é que, depois de muitas hesitações e tergiversações, é que em Portugal foi adoptada a Lei que reconheceu o direito de autodeterminação, incluindo a independência, dos povos das colónias sob domínio português. Até então, o poder político e militar continuava a ser exercido por generais, incluindo o Governador Geral Silvino Silvério Marques, que muito pouco tinham a ver com a já Revolução do 25 de

Lá longe e, a um mesmo tempo, tão perto!

uma clara exposição sobre «*quem é o inimigo*», não, não é o povo português!, não, não é o branco!, mas sim o poder colonial, os fascistas, os capitalistas que oprimiam e exploravam, eles também, o povo português. Os aplausos foram ao rubro quando, perante a admiração de todos, o orador revelou que acabara de ler o famoso discurso de Agostinho Neto, proferido recentemente na Universidade tanzaniana de Dar-es-Salam!

Convém ter presente que o 25 de Abril, que em Portugal explodiu de modo fulminante, no essencial, praticamente, obra de um dia – «*o dia inicial, inteiro e limpo*» do imortal verso de Sophia -, em Angola atravessou momentos iniciais, incertos e ambíguos. Nas primeiras reacções, as autoridades de Luanda referiam a eclosão em Lisboa de «*acontecimentos indeterminados*» e, na ausência de imagens que em Portugal mostravam a vitória inequívoca do movimento armado e a adesão entusiástica do povo, por lá as dúvidas eram muitas.

Entre os militares progressistas, milicianos abaixo do posto de capitão, como era o meu caso e de outro amigo oliveirense, o Lídio Magalhães, o grande receio era de

de Maio. Também a libertação dos presos políticos em Portugal ocorreu logo em 26 de Abril, num acontecimento emocionante com o abrir das portas em Caxias e em Peniche. Soube que, em Caxias, a princípio não queriam libertar o meu Amigo Palma Inácio (a quem alojei na minha casa no Pinheiro da Bemposta, quando ele e o Camilo Mortágua, de UI, andavam a preparar o golpe do assalto ao Banco de Portugal na Figueira da Foz), mas a solidariedade dos outros foi mais forte, disseram ou saem todos ou não sai ninguém... Em Angola, isso arrastou-se por mais tempo e apenas ao fim da primeira semana de Maio é que foram libertados mais de 200 prisioneiros políticos, vindos do tenebroso campo de São Nicolau, em Moçâmedes, e doutros cárceres espalhados pelo País. Entretanto, a actividade política irrompia e florescia espontaneamente: até meados de Maio, contava-se já em 24 o número de partidos e movimentos da mais variada natureza e composição, a maioria dos quais, contudo, marcadamente adeptos de uma autonomia ou mesmo independência branca “à rodesiana”, na senda de Ian Smith.

Apenas o MDA, Movimento Democrático de Angola, constituído na

Abril, pelo contrário, opunham-se ao desenvolvimento do processo, numa luta surda com o Movimento das Forças Armadas, que, entretanto, se consolidou e a alargou a todo o território de Angola. A propósito, lembro o trajecto valioso de um amigo oliveirense, o então jovem capitão miliciano Augusto Baptista, que depois de uma temporada no leste de Angola, tomou conta do importante Comando Militar do Lobito, logo nos primeiros dias do 25 de Abril e geriu com mestria a explosão da primeira greve em Angola, levada a cabo pelos trabalhadores do grande porto do Lobito. Aliás, mais tarde e também depois da Independência, assessorou as novas autoridades angolanas no domínio laboral e sindical. Digno de menção foi também o seu papel na criação e desenvolvimento de uma instituição que ainda hoje perdura, a Associação 25 de Abril de Angola. Isto foi apenas o começo...

*Professor jubilado da Faculdade de Direito da UAN, Luanda; antigo aluno do Colégio de Oliveira de Azeméis (1962-1965); o Autor escreve de acordo com a anterior ortografia.

VIDA SELVAGEM A NORTE DE JOANESBURGO

João Rebelo Martins



Ilustração PM

Milhões de borboletas invadiam a savana, criando um manto branco que, por esta altura do ano, vai do Cabo até às águas índicas de Moçambique, cruzando a África do Sul.

Fui a Pilanesberg à procura dos cinco grandes animais africanos, mas foram as finas asas brancas das borboletas que, primeiramente, me chamaram à atenção.

Entre o voo e o início do longo fim-de-semana de corridas, tinha apenas 1 dia de descanso e aproveitei-o para fazer um safari, conhecer a natureza de um país, de um continente. Há muito que vinha adiando essa experiência - o Kruger, há 12 anos!! - e foi o que me pareceu mais sensato fazer nas horas que antecederiam o ruído dos motores.

Saí de Joanesburgo em direcção a norte, para os lados de Sun City, cruzando zonas muito nobres e, à medida que a cidade dava lugar à periferia, a paisagem mudava: resorts, e aldeias que iam ficando cada vez mais distantes apesar de apenas as separar uma hora da quarta maior cidade africana.

As minas são imponentes, autênticas fábricas de extracção, se se puder chamar isso, mas que dá a ideia de modernidade que gostaria que visualizasse. Em seu redor, todo o tipo de negócio para o quotidiano dos seus trabalhadores: comida, gadgets chineses, lenha, lavagem de carros, cabeleireiros, alfaiates, tudo envolto daquela fina camada de pó avermelhada, tão característica das descrições Orwellianas, aquando da sua passagem por África.

Chegado ao parque, senti-me um caçador de máquina fotográfica: *shoot but don't kill!*

A natureza é a grande criação do mundo: a simbiose perfeita entre animais e plantas. As zebras, gnus, impalas numa manada que tenta parecer grande aos olhos dos predadores. E eles andavam ali, meios escondidos, meios visíveis. Vi 4 dos 5 gigantes africanos, livres na natureza. Tão belo, tão indescritível! Prefiro ver um pardal à solta do que um panda num zoo.

Sempre alertas enquanto para os bebés, tudo é uma brincadeira. Seria o carro, pensei. Mas não. Ali ao lado, aninhado, atento, em posição furtiva, um leopardo. Grande excitação em todos os que seguiam na viagem, os guias a chamarem outros guias para verem o leopardo. Os gatos são os mais difíceis de ver, especialmente os mais pequenos.

Não assisti ao ataque, se é que o houve, do leopardo aos impalas. Mas a vida, ali, é comer ou ser comido, não há opróbrio. Se não fosse naquele momento, seria noutro mais à frente.

E mais à frente, 200 ou 500 metros, que nisto das grandes planícies a escala parece ser outra, debaixo de uma árvore, à sombra, escondendo-se do sol escaldante, dois leões. Machos, estavam juntos, ou seja, nenhum é o dominante. Esse também andaria por lá.

Lyon, ou como disse o guia, Lay On... A fêmea dedica-se à caça e às crias. O macho fica por ali, o dia todo, imponente que só ele.

Estes dois, em meia hora de sono, apenas abanaram a cabeça e um virou-se de barriga para cima. Certamente iria rressonar mais alto!

Junto a um lago, além de muitas aves, uns quatro hipopótamos, apenas com as orelhas e os olhos de fora de água. Compreendo-os, dado o calor que fazia quando o sol estava a pique.

Em toda esta fauna, o rinoceronte, pela quantidade de espécies, parecia ser o rei. Enorme, capaz de correr muito e depressa, eram *panzers* que aqui e ali apareciam. Brancos e pretos, com e sem crias, vi de tudo.

Faltava a girafa e o elefante.

Vi uma girafa, depois de um charco cheio de pumbas. Imperceptível, ou não fosse a árvore ter uma cabeça!! Completamente camuflada no meio da paisagem.

E por falar em camuflagem, dos 430 elefantes que existem no parque, não vi nenhum.

São pedras que se movem, hábeis na arte de se esconderem no meio da vegetação.

Retorno

Silhueta frágil
Mente pensante
Corpo pouco hábil
Fugindo ao degradante
Sem tristeza
Regresso à natureza

Tristeza não me assiste
O aspeto é de vaidade
Não gosto de gente triste
Mantenho a dignidade
Programando partir com calma
Deixo que se solte a Minh 'alma

De mim guardem a saudade
De quem viveu com verdade.

Helena Terra



Imagem: Luís Barbosa

Fotografia: Magui Ramalho



Peregrinação

Um dia, numa aula de Antropologia Genética do Imaginário, o professor perguntou à turma:

- Ao que cheiram as peregrinações a Fátima?

Depois de um silêncio geral, atrevi-me a responder, baseada na minha imaginação e não pela minha experiência,disse:

- Cheiram a suor e bálsamo.

Ao recordar-me deste episódio, apoderou-se de mim a vontade de escrever sobre estas peregrinações.

No fundo, todos somos peregrinos nesta caminhada que é a vida.

Na infância, amparados, guiados pelos nossos progenitores e neles confiamos. Sabemos que estão ali sempre que precisamos. Serão o nosso porto seguro. Crescemos e a vida impõe-se de todas as formas, com benevolência ou com mais desafios para transpormos, às vezes tão grandes, que gritam por apoio reforçado.

Às vezes, cavamos em nós, vazios difíceis de explicar e é então que surge o sentimento de se estar perdido no caminho. É preciso acertar o passo, onde ficaram os esteios de uma vida?

E procuram-se novos rumos e um colo que na sua dimensão nos aconchegue, valide a nossa esperança e nos traga de volta o acreditar de quando éramos criança. Ninguém é imune ao amor e esse, transcende qualquer crença, é só o dar sentido a cada passo e permitir que a luz volte novamente ao caminho.

É um bálsamo para cada dor da alma, depois dos esforços de uma travessia que nos fez evoluir em cada gota de suor.

Magui Ramalho

Metamorfose

Olho o desfiladeiro com vertigem
Para esse tosco e disforme rochedo.
Alegria, esperança estão em degredo
que essas esquiladas feições me afligem.

No monte, vi pútegas em criança
e sorvi seu néctar gelatinoso.
Brinquei com a minha cabrinha mansa
num cenário idílico e deleitoso.

As rochas eram esculturas suaves.
Tranquilamente poisavam as aves
inebriadas com a colorida urze.

Que insólita erosão deformou a fraga?!
Cru tormento, dilacerante praga
a obsessão, este açoite que me zurze!

Tema de 1972
Actualização da forma: 13/05/2010

Augusto Lemos

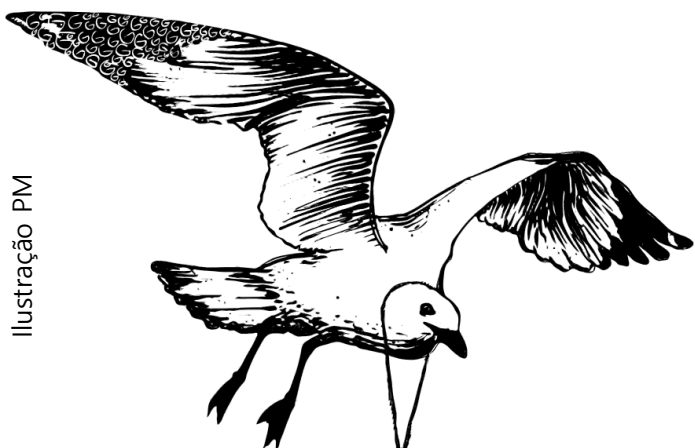


Ilustração PM

GUÊ DE GAIVOTA

*(Grande responsabilidade é
esta letrita guê, de dupla
sonoridade,
a maGana. E dá-me gana!)*

Galgando upa upa
galopando as letras mareadas
Gostar. Gota a gota no suor
de cada guia...
Galhe-nos deus e outros
galináceos
gerados no ventre goraz
de devotas gaivotas
Gracejando
Guizos
Gozai por nós.

Rosa Melo

A vertigem turística

Rui Gomes

Entremos nas modas e tendências mais perçetíveis de há cinquenta anos. À medida que os anos passavam, as impressões dominantes da nossa terra eram as colorações de mil e uma fábricas nas nossas dezanove freguesias. Cada qual com as suas funções privadas e singulares, trabalhando sob pressão. A sua temperatura ambiente, respirando um pouco na mudança de lugares e nas contemplações do calendário. Os seus ruídos argutos, nostálgicos, ríspidos, as safadezas dos salários desiguais, a maioria deles ralos, quase reles. E também com os seus cheiros tão sujeitos ao tato quanto ao olfato. Os esforços e os atrevimentos, como se sabe, não nos embaraçavam. Mesmo sem beleza canonizada, as nossas fábricas eram a nossa vaidade e ostentação. Conhecendo a sua fogosidade e reputação junto dos nossos clientes, explorávamos o espírito de iniciativa como modelo, digno de ser imitado no resto do território. A nossa indústria andava de vento em popa. Éramos o segundo concelho mais industrializado do distrito, depois da Feira; o nosso fabrico de moldes era o segundo à escala nacional, copiando o vidro, logo a seguir à Marinha Grande. O nosso leite, conservado dois meses fora do frigorífico graças ao *Tetra Pak*, era um sucesso de vendas. Crescia a lista dos que se autodenominavam industriais, trabalhando para arranjar novos clientes e satisfazer os novos gostos, sabores e valores estéticos. Por aqui, havia histórias de patrões que, vindos do nada, sem que as pernas fraquejassem, remexendo nos bolsos com esforço e genica, tinham descoberto a irresistível e adorável face do dinheiro, a sua posse e fortuna. Uma virtude, não uma maldade, fazer dinheiro. Havendo-o em quantidade, foi no cordel onde íamos prendendo os melhores pedaços do *progresso local*, o das mil e uma fábricas e fabriquetas, que começámos a pendurar, com pretensão e atrevimento, outras façanhas menos presumíveis. Agora a sério, também elas, aceitáveis e arriscadas. É certo que não tínhamos ainda, na praça, um posto de turismo para atender aquelas inglesinhas que atravessavam a nossa terra, à nora e com calções que deixavam a descoberto os joelhos anafados. Mas o bom humor da nossa opinião pública pressentia que, de facto, as coisas estavam a mudar. Como sabemos, nem tudo pode ser colocado no mesmo prato da balança. Mas foi por essa altura que nos amarramos a três molas que, nos tempos mais próximos, iriam dar que falar e por defeitos. Uma delas, para estender ao comprido a estalagem que estava a ser construída no parque de La Salette, ali bem próximo da piscina do nosso contentamento. Outra mola, para fixar a fantasia de um restaurante rolante, único na nossa península, que tinha trazido à Europa Anthony Marques, o bem-sucedido industrial americano nascido no Pinheiro, para por o *pé na pá* da primeira pedra. E uma terceira mola ainda, para segurar o devaneio de três visionários bem-dispostos que planeavam construir aqui, imitando os modelos fascinantes de Chaves, de Vidago e de Monfortinho, um campo de aviação para motores de pequeno porte. Dos sapatos, dos moldes e dos lacticínios até ao turismo, um tapete enorme estendia-se aos nossos pés, disposto para cobrir o mundo. Indolências, apatias à parte, riscos a que nos estávamos a expor, alterando o destino sem falta de energia, batendo às portas com prosperidade, irreversível, a nossa terra estava mesmo a mudar.





O que é a cultura?

Fazer uma tradução torna-se difícil quando se quer exprimir numa língua (ou dialeto), com vocabulário limitado, objetos ou conceitos que existem noutra língua mais desenvolvida. Uma língua responde às necessidades de comunicação dos seus falantes. E apenas se comunica aquilo que conhecemos, sentimos ou pensamos.

A palavra “televisão” apenas entrou no nosso vocabulário quando a TV apareceu. Antes disso não havia necessidade dela.

Se estivermos em presença de dialetos falados em pequenas comunidades, em sociedades muito atrasadas, a coisa complica-se muito mais.

Moçambique, é um país enorme com mais de uma dezena de línguas e dialetos. O português, embora sendo a língua oficial, é a língua materna, apenas, de uma minoria.

Assim, nas viagens pelo interior do país, os membros do governo, quando têm de falar ao povo, sobretudo nas zonas rurais, onde a língua portuguesa está menos disseminada, utilizam um intérprete. A menos que esse dirigente seja originário da região que está a visitar. Se for esse o caso, se o ministro estiver “a jogar em casa”, então fala diretamente na língua ou dialeto local. Se não, o ministro, o secretário de estado, o dirigente partidário fala em português e um intérprete traduz para a língua local.

O Ministro da Cultura de Moçambique fez uma visita oficial à província do Niassa.

Esta é a maior e a mais remota (fica a 2 400 quilómetros de Maputo) província do País.

Aquele Ministro da Cultura era originário do sul de Moçambique. A sua língua materna é o ronga. Não fala nyanja que é a língua mais comum na zona onde se realiza a “banja”.

Para isso lá está o intérprete que começa por apresentar o orador. Mas... “cultura” é uma palavra que não existe em nyanja! É um conceito que os seus falantes ainda não sentiram necessidade de criar. O intérprete hesita. Pode optar por usar a palavra portuguesa “cultura”. Mas ele sabe que só algumas pessoas percebem português. Sabe, também, que está ali para fazer chegar a mensagem do político às massas. É essa a sua missão. Então, pensa rápido e escolhe um termo nyanja que mais se adegue à situação, que melhor explique o que ali se está a passar. E encontra a solução. Vai apresentar o ministro, totalmente, em nyanja!

Não consigo aqui reproduzir exatamente o que disse o intérprete. Mas fonte bem informada disse-me que a expressão usada, quando retrovertida literalmente para português, significa: “Apresento fulano que, no Maputo, é o chefe das brincadeiras!”

Brincadeiras! Fiquei a matutar nesta palavra. Que palavra tão bonita para explicar a cultura.

Será a cultura uma brincadeira? Ou será coisa séria?

Ou será uma brincadeira muito séria?!

José Brandão de Sousa

Os Girassóis

Os girassóis agitavam a sua luz ao vento.
Os pós de ouro fecundam a terra.
Nasce alegria, nasce bem-estar,
Esta flor é de apreciar.
A luz que o girassol irradia
É a luz que ele capturou ao sol

Maria Augusta Estrela

AMBICIONEI O VAGAR

Sérgio d'Azeredo

A feiticeira que leu nas linhas da minha mão ilusões absurdas, não me disse que tudo pode ser perdido na sombra do vento em nebulosas de recordações profundas.

Que as vulgaridades do mundo impactam momentos passageiros de lembranças, que a tristeza fica sempre debaixo da nossa pele. que o que fica registado por trás das imagens já não pode ser alcançado, que o vento da vida é veloz.

Voltando dos sonhos intranquilos, quando o céu desmontou as nuvens dando claridade às sombras, ambicionei o vagar.

Caminhando entre a memória e a imaginação olhei, nos dias do passado, o silêncio da solidão.

Um choro sonoro escalou os rochedos, infiltrou-se entre as fendas das pedras e sublinhou uma cálida imagem de ti.

A chuva fria roubou-me o sorriso de menino gasto, enquanto o teu rosto, de imagem difusa, se escapava em passos que batiam em retirada como maré envenenada.

Os meninos pássaros, que fazem os amanheceres com raios de sol nas mãos, sussurravam que só os olhares de pouca idade conseguem ver coisas que a esperança promete.

Preciso do vagar dos loucos, do lirismo dos embriagados, do silêncio das fotos a preto e branco, das músicas que me acompanham quando acaricio a penumbra, das imagens dos filmes que não vi.

Não quero mais saber de lirismos que não libertam, não quero mais saber de versos de angústias entupidas, não quero mais saber de gente que permanece presa em espelhos estilhaçados.

Preciso de amar, dançar, criar, respirar,...devagar...



Quando o cérebro se entrega às manualidades artísticas, ele torna-se um jardineiro da imaginação, cultivando ideias e emoções que florescem em expressões únicas de beleza e significado.

A ideia de que as gerações mais recentes são menos inteligentes que seus predecessores é uma afirmação controversa e complexa. Fazer uma generalização simplista pode não capturar a complexidade das mudanças sociais, culturais, educacionais e tecnológicas que ocorrem ao longo do tempo.

O desenvolvimento do cérebro humano é um processo complexo e multifacetado. Enquanto muitos aspectos desse desenvolvimento estão ligados à genética, à biologia, ao ambiente e às experiências que desempenham um papel crucial.

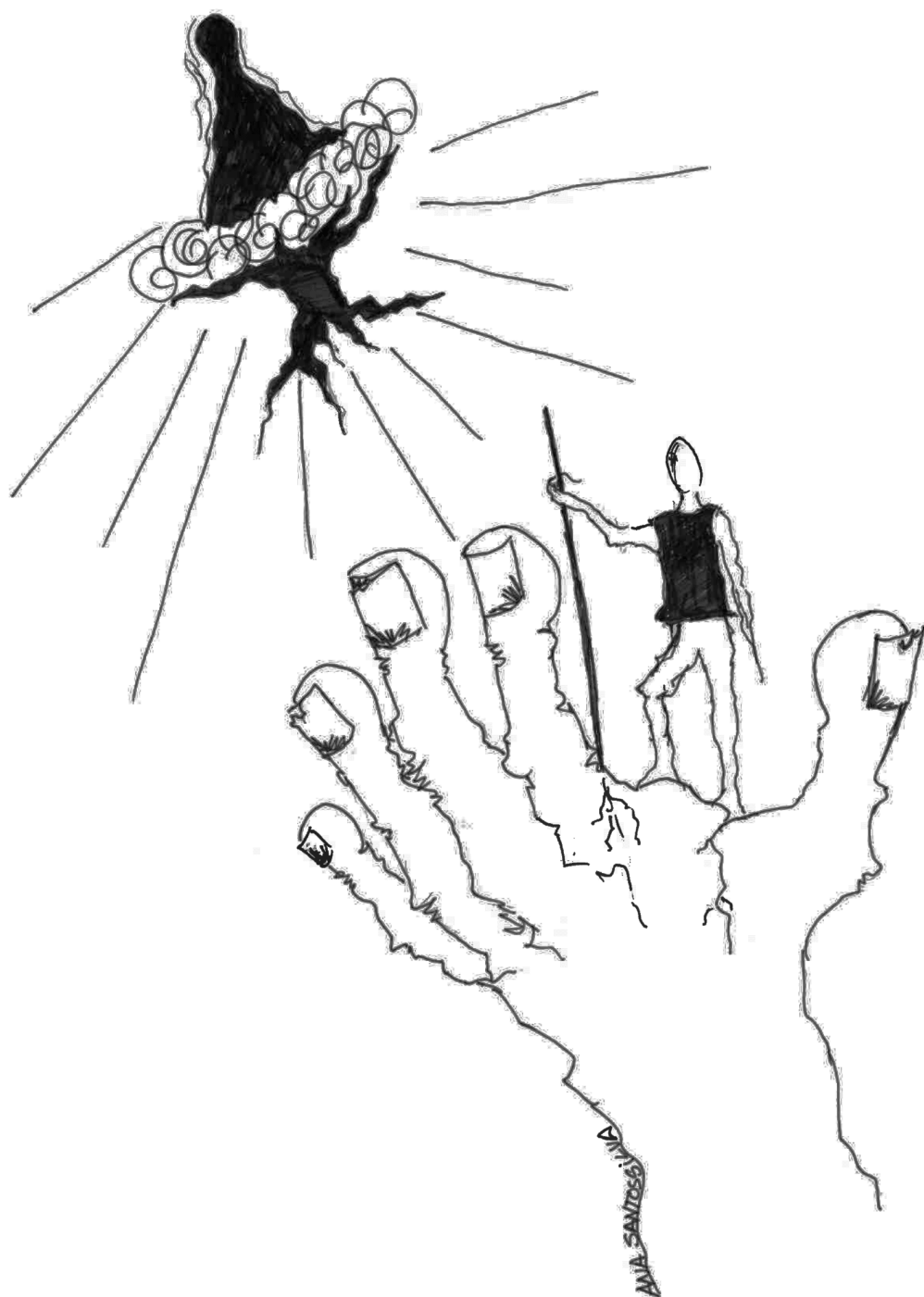
As atividades manuais, como desenhar, pintar, esculpir, construir com blocos, costurar, entre outras, são particularmente importantes para o desenvolvimento equilibrado do cérebro humano, especialmente durante os primeiros anos de vida. Essas atividades envolvem habilidades motoras finas e coordenadas, além de estimular a criatividade, a resolução de problemas e a imaginação.

Estudos têm demonstrado que o envolvimento em atividades manuais pode promover o desenvolvimento de conexões neurais importantes no cérebro, fortalecendo áreas como a motricidade fina, a coordenação olho-mão, a percepção visual-espacial e até mesmo a capacidade de concentração e atenção.

Além disso, atividades manuais também podem ser terapêuticas, proporcionando uma forma de expressão emocional e alívio de stress. Elas podem ajudar a melhorar a autoestima e a autoconfiança, bem como promover um senso de realização e satisfação.

Portanto, incorporar atividades manuais na rotina, especialmente durante a infância, pode ser benéfico para o desenvolvimento cognitivo, emocional e físico das crianças, contribuindo para um cérebro mais equilibrado e saudável ao longo da vida.

Paulo Monteiro



No meu primeiro de maio
Jovem estudante em Lisboa,
Saí à rua de cravo ao peito
Tentando não perder,
Nada do que ali seria feito.
E assim,
Vi o povo saindo à rua,
Os exilados políticos, regressarem.
Vi
Cunhal e Soares lado a lado,
Almirante Reis percorrerem,
Apoiados por gritos de emoção,
Por quem à muito esperava,
A acabada revolução.
Eu, provinciana, pouco politizada,
Mas habituada a olhar para o lado,
A ter de calar e mesmo assim
contestar,
E sempre lutar pelos seus direitos,
Percorri a avenida que, apesar de tudo,
Ainda continuava escura.
Escura pelas roupas vestidas,
Pelas fardas cinzentas,
Mas... Alegada pelos cravos
vermelhos,
Que espero que continuem a florir,
Para o nosso país evoluir,
Sem censura, sem ditadura,
Sem qualquer tipo de repressão.

Filomena Judite Brandão
Oliveira de Azeméis, 27 de abril de 2024

--- Talvez longo, mas saboroso! --- Ali, onde ondas se espraíam, banhando o areal à mercê dos caprichos da bipolaridade do mar – nem sempre emocionalmente bem-disposto..., mas as areias unidas, tanto poderem resistir à sua fúria, quanto mais folgadas, a doce brandura de dias soalheiros, tão apetecíveis de uma borda d'água refrescante e reparadora de quem lá se dirija(...)

E é aí que tudo começa entre os grãos de areia, contra a opinião de um, que se afirma «com capacidades e possibilidades» que os demais contestam em argumento: «Não te gabes tanto com essa presunção ilusória, pois não passas de um grão de areia como todos: apenas mais um nesta imensidão meu?!... Achas que na tua condição podes sequer formar a mínima opinião? Olha-me este?!...»

Um Gigante abeira-se, num daqueles dias de sol refletido pela calma do mar e o areal resplandecente, que dão para passar um bom bocado pela manhã e até, eventualmente ao espetacular pôr do sol, se apetecível!...

O grão de areia observa muito atento, sem que mais nenhum – na sua distração abandonadora de si próprio – dê conta: O grãozinho em permanente observação daquele monstro à beira-mar deitado sobre a sua toalha, banhando-se gostosamente, em desfrute de um bom momento de sol, mar e areal... sempre observado pelo grão de areia, que apenas aguarda um pequeno sopro de vento «que o ajude a elevar-se do seu lugar...» O que vem de facto a acontecer, ajudando o minúsculo grão de areia a elevar-se – (como num daqueles sonhos em que se flutua pelo ar e vai-se facilmente para onde se queira...), alojando-se bem num dos olhos mal fechados do Gigante, que logo de um estremeço se perde em luta com o grão de areia daquele imenso areal de praia, até esse o libertar com o seu retorno ao lugar do areal, o que deixa perplexos e mudos todos que nunca acreditaram tal poder acontecer!!

Conclusão da estória:

--- nunca subestimar a inteligência e sentido de oportunidade ---

José Isidro

↳

Com três anos é difícil lembrarmo-nos do que quer que seja.

António Jorge Almeida



Era a idade que tinha no 25 de abril de 1974. Não tenho memória de nada. Apenas tenho memória de uma bomba que explodiu numa casa que o povo chamava de casa dos comunistas. No meu pequeno mundo, sempre julguei que os comunistas viviam ali todos!

Assim que houve o rebentamento, não muito longe da minha casa, o meu pai agarrou-me pela mão e fomos ver. Lembro-me que tinha de ir a correr para o acompanhar. Lembro-me de olhar para ele, debaixo para cima e o sentir ofegar. O meu pai era mesmo bonito. Só dezenas de anos depois, já ele tinha morrido, ao ver as fotografias dele tive a mesma sensação. Que bonito era o meu pai!

O calor da sua mão, sem nunca me largar, fazia-me parecer uma bandeira ao vento.

Assim que chegamos, lembro-me de ver os bombeiros a mandarem água para o dito incêndio provocado pela bomba, mas não vi qualquer chama. Lembro-me tão bem do cheiro daquele fumo que emanava da casa.

Na minha ideia de criança, já não havia comunistas, deviam ter morrido todos naquela explosão artesanal! Sim, porque pelo que se constava os comunistas eram muito maus, comiam criancinhas ao pequeno almoço e matavam os velhos com uma injeção atrás de uma das orelhas, para quem as tivesse, quem não as tinha, calculo que estariam a salvo!

Agora sei que isto não foi no 25 de abril, mas sim no “verão quente” de 1975 em que o MDLP andava por aí a colocar bombas nas sedes do PC.

Aquela gente opositora ao regime, levou pancada de “caraças”, não que fosse um partido de liberdade, bem sei! Era apenas a troca de uma ditadura por outra, uma de direita, para uma de esquerda. No entanto, esta gente trabalhou muito e sofreu muito, para que a queda do regime fosse uma realidade. Felizmente que não subiram ao poder, são bem melhores como oposição.

Faz este ano cinquenta anos que se deu o 25 de abril de 74. Neste ano de 2024 a democracia levou “pancada”.

O que se passa?

O que falhou na Democracia?

Porque será que o nome de fascista já não é vergonhoso!

Porque será que bandidos que colocavam bombas e mataram gente, inclusive o Padre Max, estão hoje na ribalta?!

Isto de democracia é algo muito frágil, só terá sobrevivência se todos gostarmos de LIBERDADE.

O outrora eu era uma criança levada pela mão do meu pai, não podia lutar por nada, mas hoje serei um forte candidato à luta por ela, que não deveria ser dado adquirido, mas fazer parte da essência de cada um.

25 de abril SEMPRE...



Caminhos de Fé na perspetiva da minha varanda

Magote de gente vivida...
Magote de gente sofrida...
Magote de gente chorada...
Magote de gente velada...
Magote de gente amargurada...
Magote de gente atraçoada...
Magote de gente disputada...
Magote de gente desesperada...
Magote de gente ofendida...
Magote de gente violentada...
Magote de gente acorrentada...
Magote de gente explorada...
Magote de gente rotulada...
Magote de gente desentendida...
Magote de gente prostituída...
Magote de gente arrependida...

Magote de gente carregada de vidas e agarrada ao pouco que lhe resta, a Fé, percorre por caminhos traçados, longas e duras distâncias para rezar, pedir ou agradecer à imagem da Virgem de Fátima, sita em Cova de Iria, sentindo que, deste modo, abraça a almejada Glória Eterna.

Haja Fé, seja ela numa divindade ou num mero objeto, o importante é que este magote de gente, que passa rente à minha varanda ou à porta de tantos de nós, alcance a sua esperança, seja envergando um colete refletor esverdeado ou laranja. Cada elemento do magote suporta, na mochila, as vicissitudes da sua vida, merecendo, só por isso, admiração e respeito, independentemente se o propósito que o move for a Fé, for uma questão de moda ou for a oportunidade de conviver, partilhando e atenuando a sua solidão, as suas mágoas ou quiçá revelando alguma que outra alegria, com almas mais ou menos suas conhecidas, num cenário maioritariamente banhado pela natureza.

Manuel Alberto Lino

FICHA TÉCNICA
Milha 12 - Gazeta Cooltural
25 de maio de 2024
Próxima edição - setembro de 2024

DIRETÓRIO COLETIVO
José Brandão de Sousa | Nuno Araújo | Paula Sousa |
Paulo Monteiro

MORADA
Rua António Bernardo 500, 2ª fase, 5º Esq
3720-301 Oliveira de Azeméis

REVISÃO
Paula Sousa

DESIGN E COMPOSIÇÃO GRÁFICA
Paulo Monteiro

COLABORADORES DESTE NÚMERO
Ana Santos Silva | António Jorge Almeida | António
Matias | Augusto Baptista | Augusto Lemos | Fernando
Oliveira | Filomena Judite Brandão | Helena Terra | João
Rebello Martins | José Brandão de Sousa | José Emídio |
José Isidro | Isabel Costa | Luís Barbosa | Luís Costa |
Magui Ramalho | Manuel Alberto Lino | Maria Augusta
Estrela | Matos Barbosa | Paulo Monteiro | Rosa Melo |
Rui Conde Pinho | Rui Graça Feijó | Sérgio d'Azeredo |
Soraia Besteiros

IMPRESSÃO
Graficamares, Lda
Rua Parque Industrial Monte de Rabadas,
No 104720-608 Amares

DEPÓSITO LEGAL
525497/23

TIRAGEM
250 exemplares

PROPRIETÁRIO
Clube Literário de Oliveira de Azeméis

ESTATUTO EDITORIAL
milhadoze.wixsite.com/milha-12/estatuto_editorial

CONTATO
milhadoze@gmail.com

SITE
milhadoze.wixsite.com/milha-12

Continuo a minha jornada
Seja qual for o tempo
Nada impede a minha caminhada.
Para a fazer, não há contratempo...
Nada me tornará indiferente
Por onde passo quero deixar marca,
Caminhando por convicções.
E estarei sempre presente.
São minhas todas as decisões
Mesmo não sendo anarca.
Não me estorva nenhuma outra pegada
Porque o caminho pode ter várias vias...
Mas não é qualquer uma que me agrada.
Caminhamos todos juntos
Mas sem o fazer em manada
Assim continuará a ser
E mesmo quando escurecem meus dias,
Este é o caminho a percorrer!

Helena Terra

